

Memória discursiva e práticas de subjetivação na mídia: Men's Health x Women's Health

(Discursive memory and subjectivation practices in the media: Men's Health and Women's Health)

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago¹, Poliana de Almeida Carvalho e Nogueira²

^{1,2}Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí (UFG/CAJ)

lurdinhapaniago@terra.com.br, prof.poli@gmail.com

Abstract: This paper discusses the subjectivation practices developed by the media. This study is based on the French Discourse analysis, which is derived from the work conducted by Pêcheux, and especially from some formulations of Michel Foucault. As a result of the concerns that emerged from the readings of the magazines *Men's Health* and *Women's Health*, this study observed that both magazines subjectify differently male and female bodies. The power of the media, this sophisticated device for discipline, it strives to train bodies, not just to shape them into the standard appearance established by a specific period of time, but especially to try to turn them into docile and useful people for society.

Keywords: Discursive Analysis; discursive memory; disciplining; media; body.

Resumo: Tendo como embasamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e, sobretudo, algumas formulações de Michel Foucault, este trabalho discute as práticas de subjetivação desenvolvidas pela mídia. Fruto da inquietação surgida nas leituras das revistas *Men's Health* e *Women's Health*, este trabalho constatou que as duas revistas posicionam-se de forma bastante distinta para subjetivar corpos masculinos e femininos. O poder exercido pela mídia, esse sofisticado dispositivo de disciplinarização, esforça-se por adestrar corpos, não apenas para moldá-los ao padrão estabelecido pelo verdadeiro de determinada época, mas principalmente para tentar transformá-los em dóceis e úteis para a sociedade.

Palavras-chave: Análise do discurso; memória discursiva; disciplinamento; mídia; corpo.

Considerações iniciais

A Análise do Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux (doravante AD), nos forneceu os instrumentos necessários para compreendermos o esforço que vem sendo empreendido pela mídia para a moldagem de corpos nessa sociedade de controle em que vivemos.

O recorte escolhido para esse trabalho são matérias jornalísticas e textos publicitários colhidos em duas publicações bastante semelhantes: *Men's Health* e *Women's Health*. A primeira destinada ao público masculino e a segunda, recém-lançada, ao público feminino.

A hipótese com a qual trabalhamos é a de que as duas revistas posicionam-se de forma bastante distinta para subjetivar corpos masculinos e femininos. A regularidade presente nos enunciados das diversas seções dessas publicações (anúncios publicitários, cartas do leitor, matérias jornalísticas) sugere que a sexualidade está presente em maior número e com maior ênfase na revista destinada ao público masculino, como se o sexo fosse o foco único (como um resultado positivo) para os homens. Na publicação

destinada ao público feminino, por outro lado, os temas explorados na revista trazem a sexualidade de forma mais sutil.

A análise de diversos gêneros discursivos presentes nas duas publicações revela o papel atribuído ao homem e à mulher na sociedade de hoje. Dessa forma, precisaremos considerar as condições histórico-sócio-ideológicas que estão no fundamento de qualquer dizer, já que os sentidos em um acontecimento discursivo, como nos ensina a AD, emergem como efeito da presença do interdiscurso, tendo em vista que toda palavra se refere ao discurso no qual significa ou significou.

Análise do Discurso e mídia são dois campos de estudo que têm se articulado muito nos últimos tempos, principalmente porque têm em comum a mesma preocupação em compreender as produções sociais de sentidos.

Para a AD a mídia configura-se como um dispositivo disciplinador na medida em que cria identidades, porque parte do princípio de que essas são efeito do discurso, pois é no interior de práticas discursivas que elas emergem. Na base desse processo está a concepção pecheutiana de discurso, que o concebe como “efeito de sentidos” entre sujeitos que ocupam “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Tomaremos de Michel Foucault os conceitos de práticas de subjetivação, além das reflexões que ele faz da complexa relação entre verdade, poder e saber. Para esse filósofo, o termo subjetividade está diretamente relacionado às experiências que o sujeito faz de si mesmo, num jogo de verdade em que é fundamental a “relação consigo” (FOUCAULT, 2004). Tais experiências são percebíveis por meio de exercícios propostos em espaços institucionais específicos e históricos – a mídia é um exemplo –, nos quais o sujeito é instigado a se observar e a se reconhecer como um objeto de saber e de produção de verdade.

O corpo “ideal”, masculino e feminino, é cultuado largamente pelas publicações analisadas, não somente o corpo exposto, visível, mas também outras partes do corpo humano, invisíveis ao olho humano, mas, nem por isso, imunes às tentativas de subjetivação.

Alguns conceitos desenvolvidos por Foucault, dentre eles o de poder e de governamentalidade, também serão úteis para as nossas análises, já que é através desse modo de condução de condutas alheias que a mídia exerce poder sobre indivíduos livres, entendidos por Foucault como “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade” (1995a, p. 244).

É possível, então, perceber o poder exercido pela mídia como um sofisticado dispositivo de disciplinarização que adentra corpos femininos e masculinos não apenas para moldá-los ao padrão estabelecido pelo verdadeiro de determinada época, mas principalmente para tentar transformá-los em dóceis e úteis para a sociedade.

A concepção foucaultiana de poder

O conceito de poder desenvolvido por Foucault é bastante diferente das idéias das teorias clássicas, como as da releitura althusseriana do marxismo, por exemplo. O poder, para Foucault, não é algo que se possa possuir, porque não é um bem alienável do qual se possa ter a propriedade. Por isso, qualquer que seja a sociedade, não existe divisão entre os que têm e os que não têm poder. No entanto, o poder sempre é exercido em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro (FOUCAULT, 2001b, p.

75). Ou seja, embora não haja um titular, um dono do poder, o poder é exercido sempre em determinado sentido, não necessariamente de cima para baixo. O poder, em outras palavras, não se possui, o poder se exerce ou se pratica.

Resumindo, Foucault afirma que “o poder não existe” (FOUCAULT, 2001b, p. 248), o que existem são práticas, relações de poder. Machado (2001, p. XIV), na introdução que fez para o livro *Microfísica do poder* (FOUCAULT, 2001b), sintetiza muito bem as ideias do filósofo sobre o poder: “ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa.”

Por dominação, Foucault (2001b, p. 181) não entende um ato global de um sobre os outros, mas “as múltiplas formas de dominação” que podem ser exercidas na sociedade. Assim, Foucault não busca analisar “o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas”.

Ele chega, então, ao que chama de micro práticas do poder. Esse aspecto da teoria foucaultiana não foi recebido sem contestação, já que se constitui em uma proposta de abandono de muitas teses em voga na época, inclusive as althusserianas – tão largamente aceitas – que afirmam que todo poder emana do Estado para seus Aparelhos Ideológicos.

É condição *sine qua non* para a compreensão das teses foucaultianas tomar o poder como não localizável em nenhum ponto específico da estrutura social. Para Foucault, o poder funciona como uma rede que incluiu todos, ou seja, da qual ninguém pode esquivar-se, para a qual não existe nada que lhe possa ser exterior.

Perceber a microfísica do poder não se traduz apenas em deslocar a análise do ponto de vista espacial, mas principalmente analisar o nível em que ela ocorre. Ou seja, não basta concluir que não há um ponto central de onde o poder irradia toda a sua fortaleza; é preciso compreender que analisar a microfísica do poder significa entender os procedimentos técnicos que têm por objetivo o controle minucioso do corpo. Não apenas o produto, mas todo o processo é alvo do micropoder, seus mais detalhados gestos. Foucault preocupa-se com a existência capilar do poder, porque “o poder encontra o próprio grânulo dos indivíduos, atinge seus corpos, vem inserir-se em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana” (MOTTA, 2003, p. XIX).

O poder, para Foucault, não é sempre negativo. À concepção negativa do poder, tão absolutamente enraizada na sociedade ocidental, principalmente a partir dos escritos althusserianos, Foucault acrescenta uma outra, muito mais polêmica. Para Foucault, o poder produz e transforma, e é essa característica que faz com que seja não apenas negativo. Foucault pretende mostrar que o poder não deve ser visto essencialmente ligado à dominação e à repressão. O poder “incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” (FOUCAULT, 2003a, p. 220).

Explicar o poder apenas a partir de sua função repressiva significa omitir da análise seu âmago, sua essência. Ao poder não interessa a simples repressão e dominação dos homens. Ao invés disso, importa que suas mais detalhadas atividades sejam geridas, para fazer com que se tornem sempre mais úteis.

A compreensão deste fenômeno é fundamental para que se possa entender o papel da mídia na produção de identidades nesta sociedade de controle em que estamos inseridos.

Governamentalidade em Foucault

Foucault pergunta-se qual é o traço distintivo do poder, e chega à conclusão de que o poder é um tipo bem particular de relação entre indivíduos ou grupos. O traço distintivo seria então a capacidade que têm alguns de determinar inteiramente a conduta de outros, mas nunca de forma “exaustiva ou coercitiva” (FOUCAULT, 2003a, p. 384). O exercício de poder, para Foucault, é assim – em toda acepção da palavra – um modo de ação sobre a ação dos outros. Deriva daí um conceito muito importante, que é amplamente utilizado pelos teóricos que se ocupam em estudar as relações de poder: governamentalidade. Para ele, governar é “estruturar o eventual campo de ação dos outros” (FOUCAULT, 1995a, p. 244), o que significa retirar da noção de poder qualquer conexão com o conceito de repressão. Ou, em outras palavras, poder-se-ia dizer que é justamente o entendimento relacional e não substancial de poder que aponta para o conceito de governamentalidade, como a ação sobre a ação dos outros.

Assim, não há possibilidade de governo sobre ações onde as determinações estão saturadas. Apesar do aparente paradoxo, Foucault afirma que só há relações de poder sobre sujeitos livres, aqui entendidos como “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”. Ou seja, a liberdade é pré-condição da existência do poder. A escravidão, então, constitui uma “relação física de coação”, porque não há o que governar uma vez que o sujeito não tem mais de uma possibilidade de conduta (FOUCAULT, 1995a, p. 244). O exemplo dado por Foucault em outro dos seus textos é bastante esclarecedor:

Um homem acorrentado e espancado é submetido à força que se exerce sobre ele. Não ao poder. Mas se se pode levá-lo a falar, quando seu último recurso poderia ter sido o de segurar sua língua, preferindo a morte, é porque o impelimos a comportar-se de uma certa maneira. Sua liberdade foi sujeitada ao poder. Ele foi submetido ao governo. (2003a, p. 384).

Foucault posteriormente deixa claro que o exercício do poder pode valer-se do uso da violência ou da aquisição de consentimentos. No entanto, esses dois aspectos não constituem o princípio ou a natureza do poder, são apenas seus instrumentos ou efeitos. “Ele não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria.” (FOUCAULT, 1995a, p. 243)

Na verdade, Foucault estabelece uma radical diferença entre poder e violência. Enquanto a violência age para submeter ou destruir, o poder age de modo a fazer com que seja aceito; mais do que isso, age de modo a fazer com que o indivíduo sobre o qual é exercido acredite que se trata de algo natural e necessário.

É preciso lembrar, contudo, que não se pode analisar a relação de poder sem se considerar a insubmissão da liberdade que lhe for correspondente, ou seja, não se pode esquecer que, para Foucault (1995a, p. 243), as relações de poder somente podem ser articuladas com base em duas condições indispensáveis: a) aquele sobre quem o poder é exercido deve ser plenamente reconhecido até o fim como uma pessoa que age; b) todo um campo de respostas e reações deve estar aberto. Foucault reforça aqui, de forma sistematizada, dois grandes pilares básicos da sua concepção de poder: 1) só há

possibilidade de governo onde houver possibilidade de ação, daí o conceito de governamentalidade; e 2) onde há poder há resistência.

Os conceitos de poder e governamentalidade desenvolvidos por Foucault nos ajudarão a compreender de que forma a mídia impõe padrões que devem ser seguidos para sujeitos que continuam pensando que só a eles cabem as escolhas sobre o que vestir ou sobre como se comportarem nas mais diversas situações.

Corpo em Foucault

Se, em séculos passados, a obrigação maior do homem era cuidar de sua alma, se fazer merecedor do amor de Deus e de seus cuidados, agir sempre pensando na vida eterna, nossos tempos se caracterizam por uma busca constante e infinita da obtenção e manutenção de um corpo saudável e belo. Esse apelo ao belo, ou melhor, a um padrão estabelecido como belo, nos rodeia cada dia mais, e variados são os meios para subjetivar o homem para que deseje se enquadrar nele.

Foucault constrói nos três volumes de História da Sexualidade (2002, 2001, 2001a) uma resposta para sua inquietação de como foi moldado, com o passar dos anos, o discurso sobre o sexo nas diversas sociedades ocidentais. Percorrendo da Grécia Antiga à sociedade repressiva burguesa, chegando aos dias mais atuais, Foucault nos mostra que o discurso sobre o sexo se modificou através dos séculos, se transformou seguindo as necessidades e exigências de cada época.

Em *O uso dos prazeres*, segundo volume de História da Sexualidade (2001), o autor aponta que o olhar do indivíduo na antiguidade clássica voltava-se mais para uma “arte da existência”, para a vivência dos prazeres de acordo com as regras morais. Os prazeres deveriam ser vividos pelo homem com devido respeito, serem usados, sem exageros ou faltas. Buscava-se e pregava-se uma temperança na vida, que envolvia também a atividade sexual. Era a busca pelo equilíbrio para que o sujeito pudesse se governar e governar ao próximo.

No terceiro volume da série (2002), *O cuidado de si*, fazendo referência agora à época cristã, Foucault mostra como a conduta do homem se dirigia mais para a arte de decifrar-se, de governar-se e, ao mesmo tempo, conhecer-se profundamente. Desenvolve-se uma cultura de si diante de uma moral burguesa repressiva, que tenta fazer com que os discursos sobre o sexo se tornem restritos, a partir da separação entre os que podem e os que não podem falar sobre esse assunto.

A trajetória apontada por Foucault teria levado o homem a se preocupar mais com seu corpo, com o cuidado consigo mesmo.

Para Foucault, ao contrário do sujeito, que não pré-existe aos discursos que o constituem, o corpo é matéria, composta por carne, ossos órgãos e membros, mas, ainda assim, moldável por relações de poder que se esforçam para enquadrá-lo o mais fielmente possível a determinado padrão, para fazer com que seja sempre dócil, útil e belo, tudo isso na medida exata estabelecida pelo verdadeiro de determinada época. Daí a necessidade de compreender a relação entre verdade, poder e saber.

Com a construção de novas verdades em relação à medicina e de todo o aparato tecnológico criado em função disso, obtiveram-se possibilidades impressionantes. São permitidas à nossa geração intervenções em nossos corpos que antes não eram sequer imaginadas. Aos poucos o corpo foi se transformando em nosso maior bem, no mais visível e merecedor alvo de cuidados. Mas o corpo, como alerta Sant'anna (2002, p.103)

“possui prazo de validade”. Assim, o verdadeiro desta época nos ensina que cuidar do corpo, mantê-lo saudável se faz ainda mais necessário, como uma forma de resistir e negar a morte, uma forma de enganá-la e afastá-la.

Verdade, poder e saber

Foucault (2003, p. 233) entende por verdade o conjunto de procedimentos que autoriza um determinado enunciado ser considerado verdadeiro ou não. Não apenas a sociedade ocidental, mas também o que Foucault chamou de “sociedade mundial” (2003, p. 229), produz verdade. E essas produções de verdade não se dissociam do poder, justamente porque são os mecanismos de poder que induzem a produção de verdades. Há regiões – os domínios científicos, por exemplo – em que esses efeitos de verdade são codificados previamente. Para ele, embora haja domínios mais absolutos, como a matemática, “não há absolutamente instância suprema”. Ou seja, para esse filósofo (FOUCAULT, 2001b, p. 12), cada sociedade possui seu “regime de verdade”, sua “política geral” (aspas do autor) de verdade, o que significa dizer que não existe verdade fora do poder ou sem poder.

Segundo Foucault (2001b, p. 113), há um discurso intrínseco à prática científica que assegura que existe sempre uma verdade escondida à espera da análise do cientista, a quem cabe achar a melhor forma de revelá-la já que ela está sempre presente, em todo lugar. Há, no entanto, um outro discurso, esse não tão caro à ciência e à filosofia como o anterior: a verdade não está presente em todo lugar a qualquer tempo, mas “tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir”. Ou seja, Foucault contrapõe à idéia de que a revelação de uma verdade depende somente da habilidade do cientista uma outra, que afirma que, se existe uma “geografia da verdade”, esta se relaciona muito mais com os espaços onde reside do que com o lugar onde o cientista se coloca para observá-la; e sua “cronologia”, da mesma forma, relaciona-se muito mais com as “conjunções que lhe permitem se produzir como um acontecimento”, do que com os momentos que o cientista deve aproveitar para flagrá-la. E dá exemplos históricos dessa geografia e dessa cronologia, inclusive o da prova judiciária, que se constituía como uma manipulação da produção da verdade. O juiz, longe de desempenhar o papel de um pesquisador tentando descobrir uma verdade escondida para restituí-la, colocava-se na posição de quem estatui a verdade, autenticando os rituais de sua produção. Pode-se supor, então, que, ao longo dos tempos, a prática científica na nossa civilização procura desqualificar esse tipo de tecnologia da verdade, que é, na realidade, uma relação de poder, já que “a verdade era o efeito produzido pela determinação ritual do vencedor”.

A verdade aí não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada, mas sim suscitada: produção em vez de apofântica. Ela não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégia e não método. (FOUCAULT, 2001b, p. 114-115).

Foucault alerta que, embora tenhamos a impressão que há muito não exista mais esse tipo de tecnologia da verdade, a do acontecimento/prova, ele continua resistindo como “núcleo irredutível ao pensamento científico” (FOUCAULT, 2001b, p. 115).

No texto *Soberania e Disciplina*, escrito para a aula do dia 14 de janeiro de 1976 do Collège de France, Foucault (2001b, p. 179) revela que em qualquer sociedade existem múltiplas relações de poder que “atravessam, caracterizam e constituem o corpo

social” e que não podem, em absoluto, serem dissociadas do discurso, porque não se estabelecem nem funcionam sem a produção, a circulação e a acumulação de certos discursos. Para Foucault, verdade e poder se condicionam reciprocamente:

Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (FOUCAULT, 2001b, p. 179-180).

Foucault diz que há uma luta pela verdade, se se entende a verdade não como “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, e sim como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2001b, p. 13), ou, em outras palavras, Foucault estabelece uma íntima relação entre verdade, saber e poder, uma vez que por ‘verdade’ deve-se compreender o “conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” e que, por esse motivo, a ‘verdade’ está “circularmente ligada a sistema de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2001b, p. 14).

É essa relação muito complexa entre verdade, poder e saber que nos ajudará também a compreender de que forma a mídia constrói discursos “indiscutivelmente verdadeiros” em busca de moldar corpos femininos e masculinos.

A produção de identidades pela mídia

Em uma relação contraditória e ambivalente, o homem passa a negar a morte, e por isso a exacerbar a vida, numa busca incessante pelos prazeres, na tentativa de não se perder nem um minuto desta vida que é finita. Deparamo-nos então com heróis, construídos em comerciais e propagandas e que buscam a perfeição, que fazem de seu corpo seu objetivo de vida, que se entregam a exposição e exaltação desse corpo belo e jovem em detrimento de sua decadência biológica. E nisso vão se formando repertórios de leis e regras, de produtos e mercadorias voltados para essa juventude eterna, para essa beleza sem limite, tudo isso propagado incansavelmente pela mídia em geral. A mídia assume cada vez mais um papel controlador em nossas vidas, como que uma consciência externa a nós, a fonte de certezas que o homem sempre procurou para servir de base para sua existência.

Em *O sujeito e o poder*, um dos seus últimos textos, Foucault nos esclarece o conceito de sujeito sempre vinculado à noção de poder, para ele, “o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro (por meio de relações de controle ou dependência) ou então a si mesmo, preso à sua própria identidade, mediante a prática do conhecimento de si” (FOUCAULT, 1995a). Nesse trabalho, propomo-nos pensar o sujeito moderno submetido ao poder exercido pela mídia diretamente sobre nós e pelo poder que a mídia exerce indiretamente, na medida em que nos mostra a necessidade de nos auto-controlarmos. Mas, como nosso interesse é investigar de que forma a mídia exerce influência no comportamento humano, ser-nos-á útil também pensar a mídia

como um grande espaço pedagógico. Assim, apoiamo-nos também no conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” formulado por Fischer (2002),

como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. Certamente, há de se considerar ainda o simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber, e que estão vivos, insistentemente presentes nesses processos de publicização da vida privada e de pedagogização midiática. (FISCHER, 2002, p. 155)

Como recorte para esse artigo, optamos por focar a produção de identidades masculinas e femininas, a partir de análise comparativa das revistas *Men's Health* e *Women's Health*. A descrição disponível no *site* da editora nos ajuda a justificar a escolha dessas duas publicações como *corpus* para este trabalho:

MEN'S HEALTH: Presente em mais de 40 países, com 37 edições e 18 milhões de leitores, Men's Health é a maior revista masculina do mundo. É o instrumento fundamental para o homem que busca qualidade de vida e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Men's Health é uma revista de estilo de vida, que trata de forma prática e objetiva dos temas para o bem estar do homem moderno como: saúde, fitness, nutrição, relacionamento, sexo, estilo e carreira.

WOMEN'S HEALTH: Chegou a revista para você que faz da saúde e beleza um estilo de vida. Encontre em Women's Health a orientação precisa sobre o que fazer, como fazer e por onde começar para se sentir bem. Receba informações valiosas - e com base científica - sobre hábitos saudáveis, nutrição, fitness, beleza, comportamento... Não perca a revista feita para você viver do jeito que gosta: cada vez melhor e mais feliz consigo mesma.

O corpo ideal, que a sociedade de outrora permitia ser cultuado apenas pelas mulheres, vem sendo imposto, principalmente pela mídia, também às pessoas do sexo masculino. Daí o grande aumento de publicações destinadas especificamente para esse nicho mercadológico nos últimos tempos.

Na figura 1, retirada da *Men's Health* de abril de 2009, por exemplo, vê-se uma seção da revista destinada à nutrição, a qual traz receitas, cardápios e indicações de comportamentos com a promessa de levar o homem a atingir o padrão máximo de corpo masculino. O tema, a princípio, não se relaciona a sexo. No entanto, mais de um elemento tanto no texto verbal, como no texto não verbal, nos autorizam a enxergar nessa matéria jornalística uma conotação sexual. A matéria tem como mote apresentar sete cardápios rápidos para café da manhã. Até há, no texto verbal, alguns elementos que remetem os benefícios da alimentação saudável pela manhã para outros aspectos da vida, que não o sexual, como em “você pode se beneficiar no trabalho”. Mas o primado do texto não-verbal faz com que a conotação sexual se sobressaia. O texto não verbal mostra um casal na cama. A mulher, com pouca roupa, está sobre o homem; suas pernas

abertas fazem com que sua região genital fique bem próxima da região genital do homem; sua mão direita prende o braço esquerdo do homem, num misto de dominação e sedução, já que o sorriso em sua face demonstra uma situação de total descontração. O título da matéria, “Pro dia nascer feliz!”, nos remete ao verso da famosa canção do grupo Barão Vermelho. Na música, o narrador pede “Me dê de presente o teu bis, pro dia nascer feliz”. Assim, a memória que ecoa da canção também corrobora para uma interpretação de ordem sexual, ainda que fique a ambiguidade sobre o que faz com que o dia seja feliz: a refeição ou o sexo matinal. Outro texto verbal da matéria, o que está em destaque no quadrado colocado do lado direito da foto, diz “vai sobrar tempo para saborear outras coisas”. Esse enunciado permite que se entendam essas “outras coisas” como coisas de ordem sexual, já que a utilização do verbo “saborear” também fortalece esse tipo de leitura, uma vez que são absolutamente comuns outras palavras, do mesmo campo semântico, que também são utilizadas com conotação sexual, “gostosa” (como adjetivo empregado a mulheres) e “comer” (como sinônimo de ‘fazer amor’), por exemplo.

São ainda apresentados outros motivos para convencer o leitor a adotar o hábito de fazer as refeições matinais. Três razões são apresentadas em destaque. Todas elas iniciadas por “Ele [o café da manhã] mantém você...”. Dessa forma, os enunciados sugerem que a revista é escrita para homens que já possuem as três características que se depreendem dos verbos: magreza, saúde e esperteza.

Ao falar da necessidade de tomar o café da manhã para se manter esperto, a revista utiliza uma estratégia que é bastante comum nela: o uso de endosso científico. Diz o texto: “Um estudo da Universidade de Harvard (EUA) descobriu que crianças que comem de manhã tiram notas mais altas nas provas”. A relação entre verdade, poder e saber, sobre a qual já falamos, nos ajuda a compreender porque a revista se sente obrigada a buscar dados científicos para quase tudo o que afirma.



Figura 1

A figura 2, retirada da *Men's Health* de agosto de 2008, refere-se a texto publicitário sobre óculos escuros. Outro tema que, a princípio, não estabelece nenhuma relação direta com a sexualidade. No entanto, há indícios que abonam a interpretação de que há conotações sexuais, principalmente se se considera o revelado pelo texto não-verbal: a) o personagem principal da foto, Antonio Banderas, famoso ator espanhol, é considerado um grande galã do cinema pelos papéis sedutores e conquistadores em que já atuou; b) a foto mostra os personagens sobre uma motocicleta em alta velocidade, que sugerem, como muitos outros textos publicitários atuais, que o homem que tem poder

sobre os motores o tem também sobre os relacionamentos amorosos; c) a mulher que está no banco de trás da moto abraça o piloto por cima, numa atitude bastante sedutora; d) uma parte do corpo da mulher se sobressai: o mamilo de um dos seios que transparece sobre a roupa branca; e) o fato de a moto estar provocando que respingos de água sobre a qual andam os molhem pode sugerir uma certa irreverência, como um desafio aos limites que separam o certo do errado. A imagem, enfim, quer convencer que quem usa os óculos dessa marca pode conquistar mulheres e o mundo, tal qual o personagem da foto. O texto verbal “be younique” é um neologismo. A expressão “be unique” significa “ser original (único). Com a inclusão do “you” de forma destacada poder-se-ia ler algo como “seja você mesmo único”.

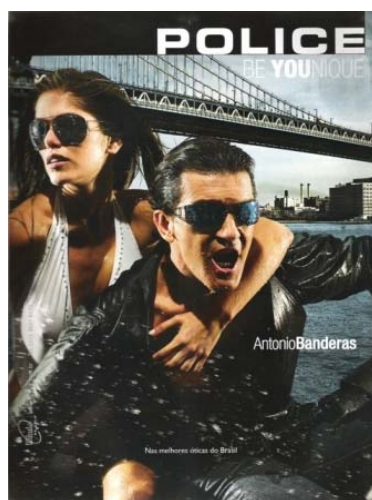


Figura 2

Muitos outros exemplos de textos retirados da *Men's Health* poderiam ser utilizados para reforçar a tese que pretendemos defender neste artigo: há nessa publicação uma conotação claramente sexual, como se o sexo fosse sempre o alvo dos esforços masculinos, não importa se está se falando de indumentária, alimentação ou hábitos considerados saudáveis pelo verdadeiro desta época.

Na publicação similar, destinada ao público feminino, *Women's Health*, entretanto, esse direcionamento do olhar para o sexo ocorre com menos frequência e com menor ênfase. Os temas explorados referem-se à sexualidade de forma mais sutil e com uma ideia de liberdade individual. As figuras 3 e 4 mostram bem isso.

A figura 3, retirada da *Women's Health* de novembro de 2008, refere-se a texto publicitário de protetor solar. Nessa matéria, tanto o texto verbal como o não-verbal remetem a liberdade que a mulher deve conquistar, mas não há qualquer conotação sexual. A modelo da foto está com os cabelos soltos e esvoaçantes pelo vento. O cenário, o sorriso, a bicicleta em movimento, tudo isso aponta para essa possibilidade de interpretação. Ela está sozinha, dona de si, controlando seu caminho num dia de sol. O texto verbal confirma totalmente essa leitura. “Difícil mesmo vai ser tirar você do sol”, enunciado que remete à liberdade feminina, já que é a mulher que vai decidir quando sairá do sol, sem qualquer tipo de interferência masculina nas suas decisões. Há aqui, como em muitos outros textos, tanto em uma revista como na outra, o culto por um corpo ideal, que, nesse caso, além de magro e em boa forma, deve estar bronzeado. Mas essa conquista pelo corpo perfeito para as mulheres poucas vezes é relacionada a conquistas amorosas ou sexuais, ao contrário do que acontece na revista *Men's Health*.



Figura 3

A *Women's Health* de março de 2009 traz uma matéria sobre um assunto que costuma interessar às mulheres da atualidade, já que o verdadeiro dessa época nos diz que, para ser feliz é necessário se livrar do stress (figura 4). A novidade é que a revista propõe que se faça isso estimulando a produção de adrenalina no corpo. Até aqui, as pesquisas mostravam justamente o contrário, dever-se-ia conter a adrenalina para driblar o stress. O que mais chama a atenção do olhar do analista, entretanto, é, novamente, o texto não-verbal, que mostra uma mulher que salta de não se sabe onde e cairá também no desconhecido. É a simbologia da mulher que faz suas opções e se joga em direção a elas. Suas roupas e cabelos em movimento também sugerem a liberdade já analisada nesse tipo de imagem, o que nos poderia remeter ao conceito de intericonicidade proposto por Courtine (2008). No plano verbal, há um enunciado em destaque, que diz “Para o alto e avante!”, que é um imperativo de iniciativa, de tomada de posição, de ganho de liberdade e o abandono do medo de assumir a liderança de si que se atribuía às mulheres. O título “Se joga!”, vai nessa mesma direção. Ambas as expressões estão construídas com pontos de exclamação e com verbos no imperativo. Há, claramente, a busca pela subjetivação das mulheres, mas, tal como se viu no exemplo anteriormente explorado neste artigo ou em muitas outras matérias incluídas na publicação destinada ao público feminino, não há conotação sexual.



Figura 4

Considerações finais

Propusemo-nos a refletir sobre as estratégias discursivas utilizadas por duas revistas bastante similares em suas propostas de editoração, *Men's Health* e *Woman's Health*; a primeira destinada ao público masculino e a segunda, ao feminino. Há, sem dúvida, muitas semelhanças que aproximam as duas publicações, principalmente a preocupação em moldar corpos por meio de discursos “verdadeiros” sobre saúde, bem estar, fitness, nutrição, beleza. Não há dúvida de que ambas as revistas pretendem fabricar um tipo bem específico de sujeito.

No entanto, nem tudo são semelhanças. Nossa hipótese foi confirmada. Há na revista destinada ao público masculino um número muito maior de matérias que direcionam o interesse do leitor para o sexo, como se esse fosse o prêmio maior, o objetivo último de tudo o que se possa fazer com o corpo. Mas essa não é apenas uma constatação de ordem quantitativa. A abordagem do tema sexo, nas duas publicações, também é bastante distinto um do outro. Ou seja, na *Women's Health* também há matérias sobre sexo, mas a forma como o tema é abordado é diferente da forma como é tratado na *Men's Health*. As descrições colhidas no site da editora já mostram essa nuance. A palavra “sexo” só aparece na descrição da revista masculina. Na feminina, aparece “relacionamento”. A revista destinada às mulheres anuncia o que mostra nas duas matérias aqui analisadas: “a revista feita para você viver do jeito que gosta: cada vez melhor e mais feliz consigo mesma (grifo nosso)”

Para concluir, é preciso ressaltar que todos esses gestos de leitura só foram possíveis graças à mobilização da memória discursiva, tal como concebida por Courtine (1981), já que, para ele, todo enunciado possui, em seu “domínio associado” (FOUCAULT, 1995), outros que ele repete, refuta, transforma, nega. Ou seja, independentemente do tipo de relação que se estabelece entre o enunciado que está sendo produzido com os outros a quem ele recupera, é justamente essa reatualização que produz certos efeitos de memória e não outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008. p. 9-20.

_____. Le discours communiste adressée aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p. 9-128, 1981.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 28, n. 1, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso>.doi: 10.1590/S1517-97022002000100011. Acesso em 24 jun. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a.

_____. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

_____. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001a.

_____. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001b.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. p. 231-249.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. p.vii-xxiii.

MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. V-LX.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-151.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. . p. 99-110.